

A GRAMÁTICA EM DICIONÁRIOS BILÍNGUES DO SÉCULO XVII

Maria do Céu Fonseca
Universidade de Évora

Os dicionários bilingues aqui tratados envolvem línguas europeias e línguas extra-europeias, produzidos no âmbito da actividade missionária de diversas ordens religiosas. As seguintes palavras de Telmo Verdelho justificam a opção por este quadro linguístico: “No espaço linguístico ultra-europeu, experimentaram os portugueses a urgência da elaboração lexicográfica de modo mais premente do que na sua própria terra” (1995: 377). Estas obras faziam parte de um conjunto de instrumentos pedagógicos de normalização da língua, pensados no quadro de um programa geral de ensino e aprendizagem das línguas orientais. Neste âmbito, não é surpreendente, mas também não passa despercebido, o facto de algumas destas obras suscitarem a exercitação gramatical, mesmo porque a gramática é intrínseca à própria estrutura do dicionário.

Já que neste momento decorrem no Brasil as comemorações do centenário da imigração japonesa no Brasil, comece-se pelo *Vocabulário da lingua de Iapam com a declaração em Portugues, feito por algvns Padres, e Irmãos da Companhia de IESV* (Nagasaki, 1603), que abre o século, embora não a série de obras lexicográficas. Merece este vocabulário que se lhe dedique alguma atenção, não pelo acaso de ser cronologicamente o primeiro impresso da série seiscentista de dicionários bilingues das línguas orientais, mas porque, na mesma medida desta precedência no tempo, algumas reflexões dos textos prefaciais sobre a estratégia lexicográfica seguida e a metodologia global adoptada na obra, antecipam um procedimento de rigor que só se registará em obras lexicográficas da segunda metade do século. O texto lexicográfico é introduzido por um “Prologo” e “Algũas aduertencias necessarias pera o vso, & intelligencia deste Vocabulario”, e seguido de um “Svpplemento”, devidamente integrado no conjunto da obra por vários esclarecimentos “Ao leitor”. O texto do prólogo, para além de focar problemas referentes à natureza do dicionário e aos motivos que determinaram a sua publicação, é rico em informações sobre o contexto editorial da época, dado remeter para obras que a antecederam em poucos anos.

No contexto das alusões bibliográficas, não passa despercebida a referência a um anterior “Dictionario da lingua Latina impresso com a declaração em Portuguez e em

Japão”, que permite identificar como fonte o famoso, a justo título, *Dictionarivm latino lvsitanicvm, ac iaponicvm ex Ambrosii Calepini volumine depromptum* (Amacusa, 1595). Original na história da lexicografia da época, este dicionário, levado a cabo sob a invocação do nome de Ambrósio Calepino, foi o primeiro impresso em língua japonesa onde são cotejados o latim e o português com uma língua local, cuja tradição escrita não alfabética era desconhecida. Em cada artigo do dicionário, depois da entrada em latim, vêm as respectivas traduções em línguas portuguesa e japonesa, acrescidas, por vezes, de informação gramatical e exemplificação em contextos, segundo o modelo: “A, AB, ABS, praepositio. Lusitanicè de, da, do. Iaponicè. Yori, cara, ni. A, ab, significat merum à loco, vt redeo ab agro. Lus. Torno do campo. Iap. No yori modor. Item, Significat tempus, vt à pucro. Lus. Desde menino. Iap. Yò xò yon (...)”. À semelhança dos registos trilingues então utilizados em cartilhas e catecismos, estão em contacto três línguas, uma antiga, uma europeia e uma não europeia.

(...)